



EM LOUVOR DA MULHER ALGARVIA

8.^a CONFERÊNCIA DA "CASA DO ALGARVE",
REALIZADA EM 25 DE JUNHO DE 1930

PELO

DR. LUDOVICO DE MENEZES

DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES



*Que bem que à tua beleza
Diz o nome de Maria!
. . . Olhos negros de algarvia,
Num rosto de portuguesa.*

(BERNARDO DE PASSOS. — *Adeus*).

SENHOR PRESIDENTE
MINHAS SENHORAS
MEUS SENHORES :

EM rigorosa observância do programa para esta palestra e em harmonia com a determinação da direcção da Casa do Algarve, devia eu ocupar-me hoje apenas da comemoração de alguns vultos algarvios, que morreram deixando assinalados serviços prestados à sua pátria e, mais nomeadamente, à província que lhes foi berço. Mas, a presença de V. Ex.^{as}, minhas senhoras, a esta sessão, a que tanto brilho vindes dar com a graça dos vossos encantos, quebrando assim o fastio e a monotonia da minha palavra, humilde e modesta, e mais que tudo o imperioso desejo, fremente em mim, de prestar a minha homenagem à mulher algarvia, uma das quais foi a mãe dos meus filhos, for-

çam-me a deixar para outras sessões a celebração dêsses grandes vultos do Algarve, e a falar hoje, o que com muito gôsto e agrado meu o faço, tão só de V. Ex.^{as}, minhas Senhoras, Senhoras algarvias, Senhoras da minha maior devoção.

I

MINHAS SENHORAS
MEUS SENHORES:

Apareceu, há tempos, no *Guia de Portugal*, da direcção do escritor Raúl Proença, um passo, que com razão se considerou como desprimoroso para o Algarve. O escarceu que o caso levantou em tôrno de si, a celeuma que fez em acesa discussão,



Tipo algarvio — Camponesa de Loulé

tanto nos jornais do Algarve, como nos de Lisboa, deve estar na memória de todos os que me escutam, e porque a julgo ainda não apagada da vossa lembrança, parece-me oportuna a fala que vou fazer sôbre a mulher algarvia, para quem Raúl Proença foi pouco cortez e de flagrante injustiça.

Ela devia ter-lhe merecido mais atenção e levá-lo, num sincero desejo do seu estudo e justo conceito do seu modo de ser, a apreciá-la sob outro aspecto, diferente daquele sob que o fez numa imperfeita visão da sua personalidade, apenas impressionado, creio eu,

por essa estranheza que os costumes e a indumentária da camponesa algarvia causam sempre em quem seja do norte e venha pela primeira vez ao Algarve, em confronto com os costumes e a indumentária da gente do norte e do centro do país.

Assim é, de facto. Mas, convém não perder de vista, para exacta e devida definição da mulher algarvia, e este é para nós o ponto essencial da questão, que o complexo da figura humana,

tanto em si, como nos acessórios que a compõem e a completam, como sejam, traje, costumes, fala, é fundamentalmente função do meio em que vivemos e de que fazemos parte integrante. Numerosas provas poderia eu aduzir para demonstração dêste fatal condicionamento do meio sôbre o homem, mas para que invocar outras, e elas são tantas, se a melhor delas, e a mais concludente, está na mesma desconformidade do tipo humano de país em país e de nação em nação, cada país e cada nação tendo o seu formato próprio?! E para que sair de Portugal e ir longe, além-fronteiras, buscar essa prova em países estrangeiros, se ela está dentro do nosso próprio país e na mesma diversidade da gente portuguesa, de província para província, quando tomada a população de cada uma delas em globo?

Ninguém confundirá, estou certo, um minhoto com o transmontano ou com o beirão, e muito menos qualquer dêles com o estremenho, alentejano e algarvio, sem que isto vá, quaisquer que sejam essas divergências regionais, acentuadas umas vezes, atenuadas e quâsi imperceptíveis outras, contra o reconhecimento de que há no fundo geral de tôda a população portuguesa um laço comum que a liga no mesmo tipo e constitui o seu *facies* específico, inconfundível com o de outras nações, porque um português não é o mesmo que um espanhol, um francês, um inglês, um italiano, tipo nosso, que a acção modeladora do meio condicionou, estatuário que talha a sua obra, para cada povo e para cada país, no cunho próprio e privativo que a cada um dêles é devido, cunho que caracteriza a raça, a homologa e a estereotipa na mesma unidade física e na mesma unidade moral, no mesmo aspecto externo e no mesmo aspecto interno.



1.ª Comunhão

Formoso tipo feminino da capital algarvia

II

Corpo de oiro chamou um poeta nosso, anónimo para alguns, à mulher portuguesa, integrando-a no feitiço da unidade nacional, e em sentidas endeixas cantou o amavioso da sua e da nossa sentimentalidade, tão cheia de doces branduras e suave resignação, mais propensa a perdoar do que a castigar, do seu natural tão despida do fogo das violências, quanto a ides ver definida nas estâncias que se seguem, doridos lamentos de um ulcerado coração de poeta, traído e ferido na profundidade do seu amor.

Ficai vós em boa hora
Tão chorada,
Que eu vou-me por aí fora
De longada.

Vai-se o vulto do meu corpo
Mas, eu não,
Que aos pés vos fica morto
O coração.

.....

Bem satisfeita ficais
Corpo de oiro;
Alegrai a quem amais,
Que eu já moiro.

Mas peço que vos lembreis
Que vos quis,
E que penas não haveis
Que vos eu fiz.

Trocastes a Portugal
Por Castela
E levais-me alma — inda mal!
Que dor hei nela!

.....

Vós sois, minhas Senhoras, Senhoras do Algarve, esse *Corpo de oiro* que o poeta cantou, englobando no seu todo a mulher portuguesa. Vós sois tão lindas e tão formosas como as mais mulheres do nosso querido país, todas feitas do mesmo divino barro em que se talhou a gente lusitana; impossível separá-las do todo nacional, de que fazeis parte integrante, à parte a característica regional, que vou definir qual seja.

E é pela sua indumentária, justificada pela imposição do meio e condições da vida rural da província, que vou começar.

III

O seu calçado

A mulher algarvia tem fundamentalmente o pudor do seu corpo, que o traz recatado nos pés com calçado, sendo bem rara e desgraçada a que anda com êles nús, ao contrário da mulher do norte, onde pés nús, pelo comum, é regra geral. Compreende-se porquê: a mulher nortenha é para todo o serviço, ainda o mais árduo e pesado, aquele mesmo que no sul é, por êste motivo, reservado aos homens. Ela guia os carros,



Costumes algarvios — A mulher nas lides do campo

lavra as terras, cava as leivas, puxa os barcos e, quando calha, é besta de carga, faz-se moço de frete.

Para serviços desta natureza querem-se pés folgados, que só em ocasiões solenes, domingos e dias de festa, se resguardam em chinelinhas graciosas, que os alindam.

Não assim a mulher algarvia. Sôbre ela impendem também trabalhos, não há dúvida, mas êsses trabalhos são mais leves e proporcionados às suas forças, débeis na mulher. Ela é a companheira dedicada do homem, mas essa dedicação dá-a ela desveladamente, devotamente, carinhosamente, no correspondente esforço do seu braço fraco.

Ele lavra a terra, ela deita nos longos sulcos que os arados vão abrindo, longos como os mugidos dos bois, a semente promissora das futuras colheitas, o fruto bemdito que mais tarde há-de vir prover a dispensa, animar o lagar e encher o celeiro. Ele cava a terra, em rude amanho de canseira; à torreira do sol, de noite e de dia, nunca as terras descansam no litoral do Algarve, desde que nasce o ano até que finda. Ela olha pelo lar, cuida dos filhos, prepara as refeições, entrega-se aos mais arranjos da casa. Ele planta o milho, espalha o grão pelo torrão das sementeiras, amanha a horta, dispõe os legumes, põe a hortaliça, poda o pomar, desponta o arvoredado do monte. Ela acarreta a lenha para a lareira, e pela terna frescura das madrugada doces, ainda antes que a aurora venha com as suas côres rosadas tingir o horizonte de oiro e púrpura, ou ao langor espiritual dos pálidos crepúsculos vespertinos, quando tintas rituais de lilás amortalam o Céu em luto pela agonia do dia que finda, Ela, a qualquer destas duas horas bemditas, horas suaves e consoladoras do abrir e fechar do dia, horas solenes e horas abençoadas, Ela, de saias arregaçadas e mão na enxada, diligentemente espreita a água que as noras vão despejando para as levadas em jorros amamentadores, e amorosamente a vai guiando, pelas regueiras gorgolejantes, para os canteiros do regadio, onde milhos, legumes e mais plantas nascentes, balbuciam as suas falas infantis ao sôpro brando e maternal da aragem.

Como querem, nestes termos, que a camponesa algarvia, Ela, que tem tão recatado pudor dos seus pés, abelha incansável de trabalho em casa e nos campos, Ela, a quem na constância da sua faina não sobra tempo para, a cada passo, estar a mudar de calçado para mais geitoso, como querem que Ela deixe de vir às povoações, ou ande pelas estradas, com os mesmos sapatorros com que anda em seu serviço? Impressionam mal essas botorras? Mas certamente, mas naturalmente. Porque elas estão em estreita conexão com o meio agrário em que ela vive e com as condições da labuta a que laboriosamente se entrega.

Não há que censurá-la pelo seu calçado.

O seu traje

E', por via de regra, sombrio, como sombria é a paisagem em volta e duro e sombrio o tom do panorama da serra, que com o bronze do seu dorso fecha ao fundo, em anteparo, o horizonte da província.

A indumentária é essencialmente função do mimetismo; ageita-se e acomoda-se ao tom da côr local. E é assim que o traje da mirandesa se carrega de escuro, quasi negro, como escuro e negro é o aspecto daquela região, mesquinha na sua tonalidade, fora dos curtos meses em que a neve a veste das galas de arminho. Por sua vez o traje da minhota é risonho e alegre, de côres berrantes, como risonho e alegre é o ambiente da sua província, na garridice rutilante de uma paisagem opulenta de vegetação e sem par no país. A beiroa tem também traje risonho, mas menos alegre e vistoso nas côres do que o da minhota, como a paisagem das Beiras o é em relação à paisagem do Minho. Ao sul, porém, no Alentejo, pelos mesmos efeitos do mimetismo, torna-se o traje amorado, como o é também na Serra do Algarve, onde se adapta à tonalidade local do mato de sargaço e esteva que a cobre. Mais para o sul ainda, no litoral algarvio, onde a paisagem se abre mais em relação à da serra, para tons mais claros, o traje igualmente se esclarece e declina para maior viveza, sem chegar contudo à garridice nortenha, ageitando-se ao matiz da vegetação à beiramar, composta de alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras e figueiras, as quatro árvores sagradas do Algarve, duras na sua folhagem metálica, mas menos carregadas nas suas tintas, do que o sombrio negrume do áspero mato, que com o seu crepe enluta a face da serra.



Um curioso tipo algarvio. — Desenho do artista etnográfico Saavedra Machado

O seu chapéu

Não agrada o chapéu da camponesa algarvia, chapéu de homem, feio, que a torna desgraciosa, mas êle é a absoluta necessidade do meio em que ela vive. Desageita-lhe o rosto, masculinizando-o, é facto, mas resguarda-o dos ardentes raios

de sol, que em certos dias caem torrencialmente do Espaço em vagas de fogo, e queimam tudo na braseira da sua irradiação rubra.

E é contra esta bárbara inclemência do Céu que o seu chapéu, fortemente provido de abas, a protege da ardência do ambiente, tão chamejante, por vezes no verão, como o jacto inflamado que sai da boca de uma fornalha.

Na frescura do amêno clima do norte, sem as violências do ardor da temperatura do sul, dispensa-se a aba e, ou não existe, ou se existe, é revirada para o alto.

O seu pôr do lenço

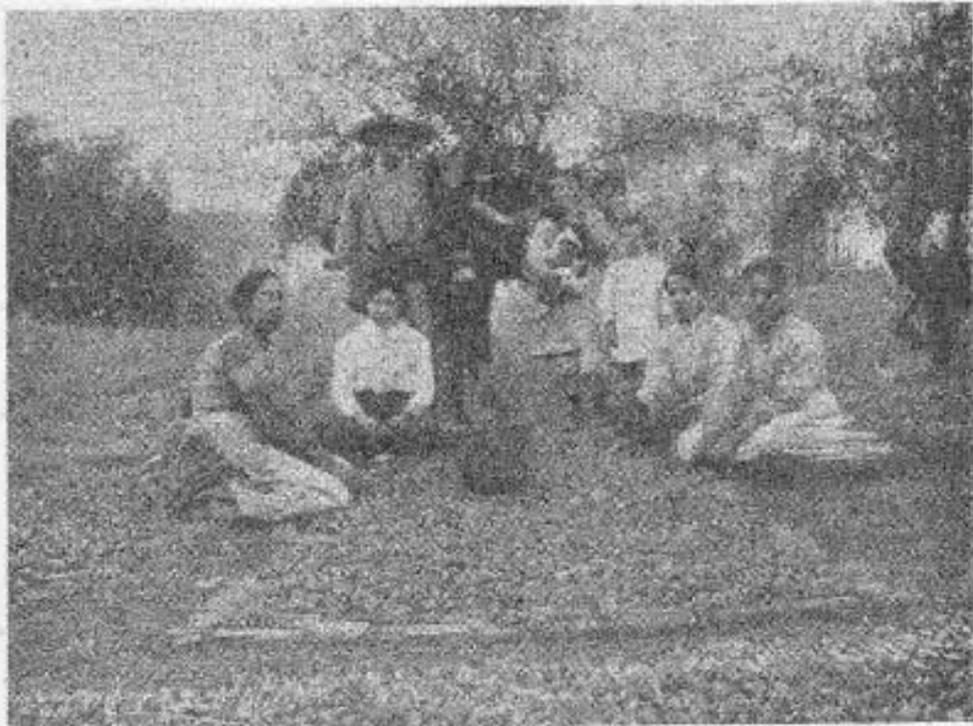
E' ainda condicionamento do meio a sua maneira de pôr o lenço. A minhota e a beiroa atam-no para trás, apanhado no rôlo dos cabelos da nuca, deixando-o pender em ponta, ao longo das costas, e tôda a face resplandece a descoberto no mesmo resplendor da beleza humana e da beleza da paisagem local, mimosa e exuberante, luxuriosa de viço.

Na mulher algarvia, o pôr do lenço tem alguma coisa de hierático, é como o véu que corre ao longo da face das imagens das santas, escondendo o rosto dos lados. Ata-o por baixo do queixo, deixando a descoberto apenas uma nesga da frente, num gesto púdico de mulher oriental, não há dúvida, mas que nela visa apenas a manter entre o lenço e a face uma camada isoladora de ar, que a abrigue da reverberação do chão adusto e inclemente, como a aba do chapéu a abriga da irradiação ardente e deflagradora do Céu abrasador. E depois, quando essa camada isoladora se torna por sua vez e por continuação uma brasa e atinge a temperatura insuportável da labareda do exterior, que consolação e dôce alívio não são o seu, em arejar o rosto, soltando o lenço e agitando-lhe as pontas em abano.

O seu lar

Que lindeza a do seu lar e que limpeza a do seu interior! Parece um brinquedo, é um mimo! Por entre o verde da folhagem que veste a província com o seu manto glauco, as habitações algarvias, brancas, muito brancas, alvas como um bando de pombas e niveas como flocos de luar, caídas a cada momento e a cada instante em que uma mancha macula a sua alvura, espalham-se pelo chão da província constituindo aglomerados de povoações ou dissiminando-se isoladas pela vastidão do território.

Erguem altivas os seus telhados mouriscos, a sobressair a neve das suas paredes da colcha sedosa das planícies verdejantes; ou penduram-se dos flancos das encostas arborizadas, galgando cimos elevados até às nuvens; ou toma de assalto o rugado das escarpas, muito graciosas todas e todas com frentes floridas de roseiras rescendentes, poiais enfeitados de manjaricos olorosos, peitos das janelas sangrando de cravos rubros e varandas perfu-



Costumes do Algarve. — Um «almeixar» de figos

madras de pomares em flor, impregnantes de inebriantes arômas, ao declinar do dia!

Que cuidados e que atenções lhe não merecem a sua casa e que amoroso esforço ela não põe no asseio do seu lar, sempre de pincel na mão para o trazer alvo, muito alvo, no meio do verde da folhagem que o enquadra!

O seu tipo

A obra da vossa formação começou em Janeiro, minhas Senhoras. Sei bem o que digo, porque todas as cousas têm começo e Janeiro é começo do ano.

No primeiro dia, o divino escultor que as cinzelou em moldes tão peregrinos no bloco do mármore humano, talhou as vossas comas, pedindo à noite torva a tinta negra das vossas tranças, e ao loiro dos trigaís o oiro que, por vezes, aqui e ali as acendra. Mas loiras ou escuras essas tranças, não importa, elas são para nós a perdição das nossas almas, no feiticeiro encanto do mar revólto das suas ondas sedosas.

E agora lhes digo, minhas senhoras, que na verdade se estava em Janeiro nesta altura da obra da vossa formação, porque o luar de Janeiro faz o rôsto formoso, se diz no Algarve, e foi numa clara e amêna noite de luar suave, que o sublime artista, que as ia esculpindo, pediu à abóbada do Céu a linha soberba da curva das vossas frentes, esbeltas e puras.

Já, a pouco-e-pouco, feis assim sendo feitas e formadas, minhas Senhoras, saindo das mãos habilidosas do incomparável e prodigioso Criador, dia a dia mais perfeitas e mais bem acabadas, quando chegou a vez do vosso rôsto, cujo contôrno se copiou da ogiva da pétala e cuja graça se foi buscar ao regaço perfumado da flor, havendo a notar que as romanzeiras, com a brasa dos seus bagos defeitos em sanguíneos rubis, contribuíram para o carmim dos vossos lábios, e que as searas maduras, com o oiro das suas espigas, deram o flavo das vossas faces, de um tom quente e moreno, pelo geral, sôbre cujo setim, delicado e fino, os pêssegos maduros vieram depôr o aveludado sensual da sua penugem, capitoso e perturbador!

Fôra assim decorrendo Janeiro, nesta emprêsa complicada da vossa criação, de engenhosa maquinaria e labor aprimorado e subtil. Mas... talvez não, talvez me engane, talvez se estivesse ainda em fins de Janeiro ou em princípios de Fevereiro seguinte, não estou certo. Mas entre estas duas datas devia ser, porque, bem me lembra, bem me lembra, um vento desabrido, que de repente se levantou da banda das cristas altivas da serra, rijo e áspero, despenhando-se às rajadas pelos desfiladeiros hiantes da subserra e rolando impetuoso pelos plainos do litoral, agitando convulso as comas das árvores em louco ramalhar, veio arrancar às amendoeiras em flor a linda grinalda das suas pétalas e levando-as pelos ares, em doidas danças de libélulas irisadas, veio pousá-las sôbre os vossos rostos, minhas Senhoras, uns rosados como o rubor das auroras, outros loiros como o claro mel, e outros ainda brancos e niveos, como as neves perpétuas que coroam os cimos das montanhas.

E assim o vento, com as suas insânias, veio alindar a obra da vossa criação, minhas Senhoras, concorrendo para o vosso maior realce e beleza, Evas, que sois o ornamento dêste rincão,

que é nas terras de Portugal o paraíso do Algarve — Paraíso de amendoeiras em flor!

Mas, quem pode exprimir a alegria infinita e imensa dêsse artífice excelso, namorado da própria obra que ia saindo das suas mãos criadoras, tão magnífica e maravilhosa, e a que o seu cinzel ia, momento-a-momento, insuflando alento, alma e vida! Quem pode dizer da sua satisfação íntima, transbordante de júbilo, ao contemplar êsse Ser de feminil encanto e profundo requinte artístico, que o seu génio ia talhando, feito da substância humana, mais preciosa que o mármore fino e translúcido que os estatuários gregos iam buscar aos jazigos de Paros e de Pentélico, para imortalidade das obras primas dos seus mais belos templos, mais santuosos altares e mais belas estátuas dos Deuses e dos Homens!

la terminar Fevereiro, mas de repente...

Uma ruga cravou-se-lhe na fronte, o olhar concentrou-se-lhe em meditações e um vago receio assaltou o seu espírito no presentimento de um perigo, o perigo das ventanias desabridas de Março, agreste e turbulento. E antes que o nervoso mês viesse com a suas fúrias iconoclastas derrubar o monumento, que com tanto carinho, devoção e desvêlo, amorosamente erguera em louvor da mulher algarvia, recolheu-o ao abrigo da sua oficina e aí o pôs a salvo das inclemências e iras do mês mau.

Pôde então apreciá-lo à vontade e reconhecer que para a sua consumação perfeita faltavam ainda alguns retoques de acabamento, que fôsem a suprema consagração do seu preclaro escopro. Faltavam-lhe a ondulação do corpo, como a do vime que a aragem ligeira baloiça, o vaporoso do porte, como o das visões que o sonho da mente gera no desvario da noite, a ligeireza do andar, tão leve que pisasse seáras sem detrimento das espigas, a elegância das maneiras e a languidez das falas, o florir do sorriso na roseira dos lábios, a rigidez dos seios na saliência do peito, hirtos e firmes como capacetes turbinados, o nácar da carne no corpo, como o primeiro rubor das madrugadas, a airosidade do vulto e o donaire mulheril, tudo isto, e o mais que faltava ainda, e era preciso, deixou êle entregue ao cuidado das gerações vindouras, para que todas elas em conjunto, e cada uma de per si em especial, principalmente as moiras, viessem com a magia dos seus dons a contribuir, minhas Senhoras, para a vossa formatura, que é a dádiva do Céu da vossa província, estatuário inexcédível!

Estava já formada a mulher algarvia. Estava formada? Ainda não, mintó. Não é verdade, minhas Senhoras, terem V. Ex.^{as} reparado que isso que chamei mulher algarvia não é por ora, senão uma pálida, singela e simples imagem de vós mesmas, ainda

que seja triunfo da figura humana. Que faz que o alabastrino bloco de carne, de que fôstes feitas, seja a grega Vénus de Milo na impecabilidade da sua forma? Que importa isso, se até agora não sois mais que a fria estátua dos jardins? Porque para serdes essa criatura por nós sempre amada, que é o enlêvo dos nossos sentidos e a consolação da nossa existência, falta animar essa estátua, que o supremo obreiro criou, com o jôrro do sangue, a púrpura da vida que dê vida, com o relâmpago da luz dos olhos que dê a luz da alma, e com a emoção da fala na bôca, que seja o espelho do vosso íntimo sentir, do vosso coração e dos vossos affectos!

Mas êsses dons não podia êsse artista glorioso obtê-los com os mesquinhos materiais da Terra, tendo por isso que fazer apêlo ao Céu e recorrer à intervenção das estrêlas, escuras umas como amoras, negras outras como asas negras, verdes estas como prados, azuis aquelas como lagos límpidos e serenos, umas ardentes como chamas, outras frias como gêlo, estas diamantes no seu peregrino fulgor, carvões rubros aquelas no seu flamejar dominador, castanhas, pardas, garças, estrêlas de todas as côres, porque o Céu é escrínio de joias, di-lo mestre Flammation, foi preciso êsse apêlo para que todas elas viessem com a magia da scintilação dos seus lumes dar-lhes o obumbramento do fulgor da vida, tirando-as do estado frio e inerte de estátuas, em que até êsse momento se encontravam. Então os astros do Céu, conjurando-se na amplidão e correspondendo ao apêlo que lhes fôra feito, mansamente desceram do firmamento pela mesma escada por onde tinham descido os Anjos no sonho de Jacob, e insinuando-se pela fenda das vossas pálpebras, estáveis, adormecidas, vieram pôr na luz dos vossos olhos, com a púrpura do sangue e o espelho da comoção da fala, a luz da vida que ainda não tinham e faltava para as tornar os celestes sêres, que sobremodo adoramos; vós as eternas Onfalas, que tanto nos seduzis a sabor dos vossos mil e um caprichos, mercê do filtro do vosso amor; nós, os eternos Hércules, que caídos aos vossos pés e subjugados pelos vossos afagos, galantemente e em doidos transportes de júbilo vamos dobando, fio a fio, a meada da nossa árdua existência, que vós ó Mães, pusestes nas nossas gratas mãos, ao dar-nos o ser!

IV

Oração em seu louvor

Meu Deus!, porque desfazeis na mulher algarvia, se ela é a alma do mais limpo e alindado lar de Portugal! Não, vós não

sois desgraçadas, belas camponesas algarvias! Fortes e sãdias, robustas como raparigas do trabalho, fostes moldadas e modeladas pelo mais sublime dos artistas, o meio, no mesmo barro em que foram moldadas e modeladas as mais mulheres portuguesas! Como o estatuário do padre António Vieira, que arranca o cêpo da floresta e dêle faz a santa que se põe no altar e se adora, assim o estatuário prodigioso, que é o clima da vossa província, fulgurante jóia de Portugal, fez de vós todas, ó mulheres algarvias, as santas que põmos no altar dos nossos corações e adoramos como espôsas, mães, filhas, irmãs, rendendo-lhes o preito das nossas mais amorosas homenagens, devotamente os nossos lábios murmurando em vosso louvor o hino da nossa oração: — Bemditas sejam as mulheres algarvias!

LUDOVICO DE MENEZES.



Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria do Livramento Horta, natural de Tavira, culto espirito de artista, nomeada sócia Benemérita da « Casa do Algarve », pela dádiva que lhe fez dos seus preciosos trabalhos, bordados à escumilha, « Estátua Equestre de D. José I » e « Coquettes d'Arles »

